



MIDIATIZAÇÃO DAS TRAGÉDIAS: O TELEJORNALISMO NA LEGITIMAÇÃO DO DISCURSO PENTECOSTAL

MEDIATISATION OF TRAGEDIES: THE TELEJOURNALISM IN THE LEGITIMATION OF PENTECOSTAL DISCOURSE

Catiane Rocha Passos de Souza¹

Resumo: Este trabalho apresenta parte dos resultados de pesquisa de doutorado, desenvolvida no Programa Multidisciplinar Cultura e Sociedade (UFBA), com objetivo de compreender a circulação do discurso telejornalístico em famílias das Igrejas Pentecostais Assembleias de Deus. O arcabouço teórico-analítico engloba estudos sobre religião e mídia, sobretudo, da escola latina sobre Mediatização e da Análise do Discurso. O *corpus* se origina de 12 entrevistas com religiosos das Assembleias de Deus. Neste artigo, destacamos como as tragédias reportadas pelos telejornais são, em boa medida, transformadas em estratégias de legitimação do discurso pentecostal. Para isso, detalhamos o modo como essa transformação se opera nos dizeres dos entrevistados com a análise de sequências discursivas.

Palavras-chave: Mediatização. Pentecostalismo. Telejornalismo. Tragédias. Discurso

Abstract: This work presents part of the results of doctoral research, developed in the Multidisciplinary Program Culture and Society (UFBA), aiming to understand the circulation of the telejournalistic discourse in families of the Pentecostal Churches Assemblies of God. The theoretical-analytical framework includes studies about religion and the media, especially, the Latin school about Mediatization and Discourse Analysis. The *corpus* comes from 12 interviews with religious from the Assemblies of God. In this article, we highlight how the tragedies reported by the news programs are, largely, transformed into strategies of legitimizing the pentecostal discourse. For this,

¹ Doutora pelo Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade na UFBA. Cursou Doutorado Sanduíche no PPGCOM da Unisinos - São Leopoldo – RS. Mestre em Linguística (UFAL). Professora do IFBA - Campus Salvador. Pesquisadora no GEOTEC/IFBA. catirochapassos@gmail.com



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

we detail how this transformation operates in the interviewees' comments with the analysis of discursive sequences.

Keywords: Mídia. Pentecostalismo. News programs. Tragedies. Discourse.

1. Introdução

As mídias digitais possibilitaram novas formas de circulação midiática, nas quais emerge forte atuação dos atores sociais, sobretudo, no âmbito do noticiário local. Em relação ao telejornalismo, o aumento do acesso às mídias digitais e aos canais fechados pela população mais abastada e intelectual fez com que a produção local se voltasse com maior atenção às populações das periferias dos centros urbanos. Nessa conjuntura, as condições de produção do discurso telejornalístico são interpenetradas pelas lógicas de reconhecimento. Na expectativa de compreender essas lógicas, no universo de nossa pesquisa, observamos indícios do processo de reconhecimento por 12 entrevistados (membros das Igrejas Assembleias de Deus) que apontaram o acesso ao telejornalismo como uma coisa importante, apesar de, em alguns casos, aparecer critérios de seleção com ressalvas a determinados programas ou emissoras.

Em geral, nas entrevistas, a leitura que se fez das tragédias reportadas pelo telejornalismo como violência urbana, desastres ambientais e atentados terroristas é relacionada, pelos entrevistados, aos valores e crenças da religiosidade pentecostal. No discurso pentecostal algumas regularidades se marcam, por exemplo, a ênfase aos sinais escatológicos que reforçam o imaginário da volta iminente de Cristo. Pregam atualidade da mensagem bíblica, quer dizer, tudo o que a Bíblia diz está em pleno cumprimento sempre. Nessa perspectiva, o assembleiano se apropria do discurso telejornalístico como estratégia de afirmar a proximidade da volta de Cristo, atribuindo valor às notícias de tragédias para afirmar o cumprimento das profecias bíblicas. O telejornal, nessa concepção, traduz o real de onde se constata a existência e a importância dos sinais catastróficos. A visibilidade do real, nesse sentido, tornou-se condicionada à mídia, a impressão é que sem ela nada se vê ou se sabe. Desse modo, os dizeres do telejornalismo no que se referem às tragédias, em boa medida, são apropriados para a



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

reafirmção da crença. Mais que isso, esses dizeres são tomados como legitimadores da mensagem religiosa pregada pelos pentecostais.

2. “Eles assistem esses jornais (...) que mostra^[sic] tão terrível aquelas coisas. e eles gostam”

Nas entrevistas foram citados e referenciados os telejornais locais produzidos pelas emissoras baianas (a pesquisa foi realizada na Bahia): TV Aratu (SBT), TV Itapoan (Record Bahia) e Rede Bahia (Globo). Muitos dos programas citados no âmbito do telejornalismo local possuem uma linguagem popular e sensacionalista. O telejornalismo regional ou local é um importante espaço na criação de vínculos entre público e emissora, pois aproxima a emissora da cultura local e o telespectador da instituição midiática, criando vínculos de identificação por meio de temas que atingem o telespectador em sua realidade mais próxima. O telejornalismo local atende, em parte, uma necessidade do cotidiano das periferias que vivem alto índice de violência, quase sempre, a principal justificativa para circulação de seus discursos. Conforme indicam as Sequências Discursivas (SDs) abaixo:

SDs01: Veja bem! É o que tá acontecendo no próprio bairro, a gente vê isso acontecendo diariamente, miséria, assalto. Então, o povo acaba se acostumando com aquilo ali, e já vai querendo saber o que tá acontecendo em outro bairro mais próximo, e aí vai generalizando. E acaba que o povo vai se acostumando com aquilo que vai passando diariamente (G3).

G3² declara a importância de saber o que acontece no seu bairro e nos bairros próximos. Entretanto, destaca o modo como a visibilidade diária da violência nos telejornais locais conduz à naturalização daquela realidade cotidiana, acomodando os moradores que já não estranham as imagens violentas. Para C3, essa naturalização desse tipo de produção aperfeiçoa nos indivíduos o gosto pela visibilidade da violência, ou seja, a capacidade de sentir prazer em assistir à miséria humana:

² Os entrevistados são identificados pela abreviação do sobrenome da família seguido de número que os distingue enquanto posição-sujeito familiar (C1, Sa2, G3...). Como são famílias tipicamente tradicionais, os números seguem a hierarquização das posições dos membros: 1 representa pai, 2 representa mãe, 3 representa filho ou filha e 4 representa nora.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

SDs02: Eles assistem esses jornais aqui regional. Regional, assim, da Bahia, e que mostra tão terrível aquelas coisas. E eles gostam (C3).

A regularidade da exploração da violência no telejornalismo local/regional inibe o estranhamento e provoca, inclusive, o gosto em consumir os discursos de tragédia humana. Assim, a miséria e a violência são transformadas em mercadorias à medida em que ofertam, a grosso modo, prazer. O consumo também vai afetando a produção do telejornalismo, no qual torna mais explícito e mais comum o espetáculo da violência. A formação do gosto pelo discurso da violência, na maioria das vezes, é entendida como um processo espontâneo, da própria natureza humana. Assim, trata-se da oferta do telejornalismo sensacionalista como uma produção que visa atender uma demanda social:

SDs03: Por que hoje em dia é o que tá dando mídia. O povo não quer mais assistir algo bom, algo agradável, que vai te trazer mesmo um conhecimento. Quer mais assistir a miséria mesmo, é “Se Liga Bocão”. É tanto que aumentou o número de jornais que falam sobre violência assim: “Se Liga Bocão”, é “Na Mira”. Esses programas tudo aumentou, porque é o que tá dando audiência, o povo quer ver isso (G3).

Exploram as tragédias, acentuando os aspectos mais bizarros de casos particulares. As imagens violentas se tornam mais impactantes diante da possibilidade de se reconhecer ou de reconhecer amigos, vizinhos, parentes nas reportagens. Ao relatar uma situação de uma reportagem em que um vizinho foi exibido como ladrão quando fora confundido com o irmão gêmeo, G3 destaca como isso produziu na comunidade mais impacto e audiência do que a reportagem em que se desfez a confusão:

SDs04: Chama mais a atenção, é sempre a pior né. A que chama mais a atenção é sempre a pior, porque além da gente conhecer a pessoa, a gente não sabia que tinha esse caráter. Então a gente já vai tomando aquele baque logo, então aquilo fica mais impactante dentro da gente (G3).

G3 faz referência à situação na qual a polícia comete um equívoco prendendo um indivíduo que sofre tanto pelo mal-entendido da polícia, quanto pela exposição como ladrão numa reportagem sensacionalista. Apesar do telejornal fazer outra reportagem esclarecendo a confusão, os efeitos de sentido na circulação da reportagem



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

em que o vizinho é constrangido são os mais repercutidos na comunidade, afetando o imaginário coletivo sobre aquele morador, segundo comenta G3. A exploração de tragédias particulares no telejornalismo local transforma esse formato, sobremaneira, num produto subordinado à mercadológica, além disso, limita-o em termos de responsabilidade social.

3. “O crente quando vê muito aquilo acaba ficando insensível a dor, insensível, perde a compaixão”

O telejornalismo policial é a especialização em fatos criminais, judiciais, fatos sobre segurança pública, do sistema penitenciário e em investigações policiais. Alguns programas desse tipo são conhecidos na programação da TV brasileira:

O Brasil cruel, violento, desdentado, faminto, e este “outro” Brasil passa a atrair uma multidão de olhares em programas como Ratinho; Aqui, Agora; Cidade Alerta e tantos outros (...). Cabe questionar, portanto, de que modo este outro Brasil é aí representado e, indo mais além, cabe perguntar o que faz as pessoas assistirem à barbárie estampada nestes programas. Assim, enquanto a classe média busca refúgio na TV paga, que atinge uma parcela extremamente reduzida da população, a TV aberta parece ecoar como uma espécie de caixa de ressonância da implosão da sociedade brasileira (Matos, 2009, p. 77).

Nenhuma das famílias entrevistadas possui TV paga e todas indicaram acesso a esse tipo de telejornalismo que possui grande produção local. Não há nos documentos oficiais das Igrejas Assembleias de Deus, nem foi citada nas entrevistas, qualquer orientação contrária ou restrição ao acesso aos programas sensacionalistas. Entretanto, observamos certo constrangimento, na entrevista com Sa1 (que atua como sacerdote) em dizer do consumo desses programas:

SDs05: Assisto jornal da Globo, Jornal Nacional [Pausa mais longa]. Às vezes, o Datena rsrs, da Band (Sa1).

A pausa antes de mencionar o programa caracteriza uma marca de silenciamento que se relaciona ao riso de constrangimento após citar o nome do apresentador/âncora do programa. Muito comum os telespectadores se referirem ao nome do apresentador pela dramaturgia que caracteriza o gênero. Sa1 diz que assiste *às vezes*, uma marca de



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

temporariade esporádica, mas, nas três vezes em que tivemos em sua casa, na TV da sala passava o programa. Esses efeitos de sentido não são identificados nos dizeres dos demais patriarcas entrevistados que acessam o mesmo gênero, o que nos faz relacioná-los a duas possíveis razões: primeiro, como as demais entrevistadas da família Santos declararam não gostar do telejornalismo policial, o constrangimento pode ser fruto de um desconforto familiar; segundo, devido à posição de líder que Sa1 ocupa na igreja. Nesse caso, os indícios nos levam a entender o gênero sensacionalista como desapropriado aos crentes (os assembleianos usam o termo “crente” ao se referirem aos fiéis). Diante do constrangimento, Sa1 justificou:

SDs06: Muita gente não gosta porque tem muita miséria e tudo mais. Mas, de qualquer maneira, a gente assistindo isso aí, você vê como tá a violência. Se a gente se isolar de tudo, a gente não vai saber de nada também. Então, eu acho que você assistindo e não deixando levar pra o coração essas coisas, não tem nada a ver não (Sa1).

A SD “se a gente se isolar de tudo” recupera o interdiscurso do asceticismo pentecostal idealizado pela memória discursiva que aciona o discurso institucional assembleiano de regras de proibições a interações com outras possibilidades de referência que não fosse a própria religião. Muitas dessas proibições se invalidam hoje, porque os fiéis precisam e querem saber das coisas que acontecem no mundo. Mas porque atualmente precisam? Antes não queriam saber dessas coisas? Os programas policiais e sensacionalistas são acessados atualmente porque passaram a constituir o quadro de ofertas, sobretudo, para a população das periferias. Além disso, não existe restrição ou proibição institucional quanto a esses programas, embora sejam interpretados, muitas vezes, como exploradores da miséria humana ao transformá-la em produto mercadológico:

Pode-se considerar que a imprensa “sensacionalista”, ao reforçar o caráter sentimental das questões sociais, potencializa no público sentimentos infantis e violentos. Exaltam-se preconceitos, o comportamento autoritário, as ações violentas contra indivíduos identificados como “marginais”, “desumanos”: o ladrão, o estuprador, o homicida, o menino de rua, o viciado em drogas (Matos, 2009, p. 89).



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

A transformação da degradação humana em mercadoria não é uma ação específica ao ambiente midiático. No entanto, na sociedade em vias de mediação, esse tipo de mercadoria ganha outros valores maximizando os problemas, tais como violências, preconceitos, marginalização, dentre outros. Na sequência discursiva 06 “não deixando levar pra o coração essas coisas”, Sa1 demonstra acreditar que cabe ao telespectador a responsabilidade de reprimir a violência, ou seja, não tomar as reportagens como incentivo para a prática de violência, conferindo ao indivíduo a capacidade de discernimento moral, independente das condições sociais, psicológicas, econômicas etc. No entanto, diz da apropriação das informações dessas reportagens para convencer as pessoas a se converterem, significando o aumento da circulação de notícias de violência como sinal escatológico:

SDs07: A gente acaba vendo essas coisas em televisão. Inclusive, semana passada a gente viu: o cara matou a mãe, outro pai matou o filho. E a gente acaba, na hora, tá falando, pregando, se lembra dessas coisas. É por isso que a televisão, de qualquer maneira, influi nas nossas vidas. E a gente acaba falando, mas isso é pra alertar o povo, que a volta de Cristo está próxima (Sa1).

Pregar a volta de Cristo é uma missão para os evangélicos. Portanto, se apropriar das notícias sensacionalistas e apelativas para esse fim não parece ser uma coisa antiética ao fiel: “Neste caso, a realidade é referenciada no cotidiano onde explodem as tragédias pessoais, acentuando-se a irrupção de sentimentos humanos, levando-se à mobilização do emocional” (Matos, 2009, p. 89). A dramatização e a mobilização do emocional próprias do discurso sensacionalista no telejornalismo são apropriadas e ressignificadas no sermão pentecostal, segundo narra Sa1. Nesse sentido, há o acoplamento da lógica do discurso desse gênero midiático à lógica do sermão pentecostal. A acoplagem, nesse caso, é convergente, pois esse tipo de sermão opera também por dramatização e mobilização emocional.

As demais integrantes da família Santos, nos dizeres sobre os programas sensacionalistas, apontam o acesso condicionado às decisões do patriarca no espaço familiar. Na família Costa, esse tipo de programação é acionado também conforme o gosto do patriarca, C2 demonstra não se importar com isso e silencia. Entretanto, C3, que não mora na mesma casa que os pais, faz críticas aos programas por entender que



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

afetam o cristão, diz também que afetam o público infantil, pois C3 relaciona a violência praticada pelas crianças de seu ambiente de trabalho (escola pública de Ensino Fundamental) ao acesso dessas crianças ao telejornalismo sensacionalista:

SDs08: Eu trabalho numa escola que tem muitas crianças que são de uma área periférica. Então, a gente vê que muitas coisas que eles veem lá naquele jornal. Eles acabam fazendo, porque é um jornal que mostra muita briga, mostra briga mesmo. E tem um momento que é num sei o que lá do bafafá. Mostra lá a briga, se a pessoa morreu, matou. Ali, eles mostram o corpo, só com uma tacinha em cima, dá pra ver tudo.

Imagine! Meio dia, meio dia! A televisão tá ligada! Qualquer criança num vai assistir? Então, imagina uma criança ali, assistindo aquele telejornal. Ali, aquele jornal, aquele negócio no horário desse. E mostrando, contando a história detalhada de como foi a morte, como foi a perseguição, como é que foi. Ali, na cabeça deles, porque a discussão deles não é discussão de mostrar. Assim, questionar se aquilo é certo ou se é errado, e dizer depois que aquilo não é bom. Eles só mostram ali, a notícia. Aí, cá, quem tá assistindo, que faça a escolha. Uma criança, que tá em formação, assiste uma coisa dessa, vai entender o quê de uma coisa dessa? Vai acabar sendo incitado (C3).

C3 lembra que os telejornais sensacionalistas, na maioria, são locais ou regionais, e, portanto, possuem uma linguagem bastante próxima ao público das periferias, onde, em geral, acontecem os casos de violência expostos nesses programas. Além disso, são programas na TV aberta e sem restrição de horários de exibição, ou seja, acessíveis às crianças que já estão envolvidas em contextos de violência fora da mídia. Em 2015, o Programa “Na Mira” da TV Aratu (Bahia), filiada/SBT foi suspenso pelo Ministério Público que acatou uma ação civil pública sobre as cenas impróprias e reprováveis para o horário de exibição, conforme aponta o Estatuto da Criança e do Adolescente. As ações desse tipo dependem de iniciativas particulares, pois falta regulamentação legislativa que delimitem horário e conteúdo desses programas que são classificados como telejornais, portanto, abertos a qualquer faixa etária e horário. C3 destaca esse tipo de sensacionalismo como desapropriado ao reconhecimento do crente, diz que são programas imorais por incitar a vingança e o ódio, não discernindo o certo e o errado, confundindo a mente das pessoas:

SDs09: Eu não gosto de assistir, porque quando eu assistia eu tinha raiva. Eu achava que quem fez isso tinha que morrer. Então, incita o ódio, incita a raiva, incita a



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

vingança. Então, eles são imorais, porque eles mostram aquilo, de tal forma, como não existe certo ou errado. (C3)

C3 sugere que o telejornal tem o dever moral em suas produções, de modo que ao “incitar ódio, raiva e vingança” há uma ruptura desse papel. Nessa leitura, a entrevistada adota a noção de moral condicionada a fatores econômico-sociais e envolve idade, territorialidade, dentre outros aspectos que determinam a constituição do sujeito moral. A quebra do contrato de leitura do telejornalismo, quando adota o sensacionalismo, conforme os dizeres de C3, tem indícios no predomínio da imagem violenta sob a imagem da violência. Segundo Jost (2007, p. 101), “é necessário separar bem a violência do mundo da violência da imagem”. No caso dos programas sensacionalistas, essa separação não acontece, a violência do mundo acentua-se na violência da imagem. A violência da imagem, portanto, denuncia o caráter imoral dessas produções cujos efeitos de sentido geram mais violência nas comunidades:

SDs10: Acabam incentivando a imoralidade, porque aí as pessoas veem aquilo ali. Aí, tem que se vingar mesmo, merecia morrer. Então, acaba incitando o ódio desse jeito. (C3)

O discurso sensacionalista, portanto, em certa medida, educa emocionalmente a população, mas “apela de forma irracional e autoritária a impulsos já transformados, desperta sentimentos maldosos e comportamentos sádicos no público” (Matos, 2009, p. 90). Para exemplificar o modo como esses efeitos de sentido afetam o religioso, C3 narra uma experiência:

SDs11: Uma vez, eu ouvi uma notícia de um cara que tinha estuprado uma criança, um bebê, com um cabo de vassoura. Ah meu Deus! Na hora, me deu tanta raiva, que se eu pudesse, naquele momento que eu assisti. Se eu tivesse pegado aquele homem. Acho, eu matava aquele homem. Então, eu resolvi não assistir mais, porque quando eu assistia, eu acabava ficando, eu tava ficando insensível, porque eu via isso. Então, o crente, quando vê muito aquilo, acaba ficando insensível a dor, insensível, perde a compaixão. Porque, quando é realmente do jeito que eles mostram, você acha que aquele que matou, realmente, tem que morrer. Ele não merece salvação. Então, é prejudicial, infelizmente, infelizmente, muitos crentes. Porque, infelizmente, eu tenho visto crentes que são vingativos, crentes que são vingativos, crentes que se deixar né. (C3)



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

C3 trata do modo como essas reportagens são eficientes em produzir crenças a partir da violência mediatizada, além de escancarar a falibilidade das instituições, ativando potência para ação individual e amoral. A indiferença moral diante da violência é compreendida como um grave problema ao longo da história. Em “Modernidade e Holocausto”, Bauman (1998, p. 41) cita três condições de produção da indiferença moral: (1) a violência passa a ser autorizada por instituições e pelo próprio Estado; (2) a desumanização das vítimas da violência por questões ideológicas; (3) o disciplinamento que suprime a própria identidade (auto sacrifício). Nessa obra, o sociólogo faz reflexão do modo como a apropriação da indiferença moral pelo regime nazista se operou com a utilização de um formidável aparato da indústria, transporte, ciência, burocracia e tecnologia (Bauman, 1998, p. 217). Nesse sentido, tanto a moral quanto a indiferença moral resultam de processos sócio-histórico-ideológicos.

Desse modo, as mídias, sobretudo, os programas sensacionalistas, ao atuarem como justiceiros, porque, de certa forma, julgam e condenam os criminosos ao ódio de toda a população, produzem na sociedade um efeito de indiferença moral. O dizer de C3 faz inferência ao sentido de que, ao condenar o criminoso pelo que consome numa reportagem, o crente se iguala à população em geral, desacreditando na possibilidade de redenção do criminoso, torna-se insensível e sem compaixão diante das crueldades que são mostradas, do modo como são mostradas. Exercer ou desejar a vingança não são coisas que devem ser cultivadas pelos cristãos, embora muitos crentes tenham cultivado esse sentimento, conforme os dizeres de C3. Entre os entrevistados, o acesso aos programas sensacionalistas se efetiva, principalmente, pelos maridos. Isso nos propõe a pensar na questão da indiferença moral na produção da violência doméstica praticada contra as mulheres na sociedade brasileira. Não houve nenhum indício desse tipo de violência nos relatos coletados para esta pesquisa. O tema também não aparece nas narrativas nem por referência ao problema como questão social que mereça atenção e enfrentamento.

A violência doméstica no Brasil tem raízes históricas na naturalização da desigualdade de gênero. O silêncio sobre o problema não é específico à comunidade evangélica. Entretanto, nessa comunidade outros fatores contribuem para o



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

silenciamento do tema, por exemplo: o discurso de “incapacidade” feminina para cargos de lideranças nas Assembleias de Deus, cujos efeitos são de cerceamento de voz feminina nos púlpitos resguardando o sistema criado pelos homens para protegerem uns aos outros; a responsabilização feminina pelo insucesso no casamento ou na criação dos filhos, dentre outros discursos que culpabilizam a mulher pela violência sofrida. A indiferença moral na violência praticada pelos homens possui diversos fatores, não temos propósito de apontar efetivamente o consumo dos programas sensacionalistas como um deles. Entretanto, a predominância masculina entre os entrevistados no consumo desse tipo de programa propõe a reflexão sobre a violência contra as mulheres no universo religioso em estudo.

De volta aos dizeres sobre o consumo dos programas sensacionalistas, é interessante observar que as mulheres da família Gomes não declaram nenhum constrangimento nem restrição quanto ao gênero. Entretanto, é a família em que há restrição a qualquer produção da Rede Globo por oposição ideológica moralista. Nesse núcleo familiar, também reconhecemos maior conservação de costumes e tradições. Além disso, os entrevistados indicaram seguir às escolhas do patriarca quanto à programação televisiva:

SD12: Ele [o marido] que gosta, por causa dele que eu fui atrás rrsrs (G2).

SD13: quando eu chego em casa, normalmente, tá passando já (G3).

Nesse contexto, compreendemos certa identificação entre o telejornalismo sensacionalista e o modo conservador de ser assembleiano. Nenhum entrevistado dessa família fez crítica ao telejornalismo sensacionalista. Declararam hábito de assistir aos canais SBT e Record, nos quais o gênero-P em questão é bastante frequente: “Record e SBT acentuam o posicionamento explícito, explorando a informação sensacionalista, a interpelação espalhafatosa, a crítica contundente” (Lopes, 2012, p. 300). As escolhas e os gostos revelados nos hábitos de consumo apontam um alinhamento ideológico entre os modos de ser na contemporaneidade. Não diz respeito apenas a possibilidade de acesso ao telejornalismo, mas a afinidade entre crenças e valores representados, estabelecidos e/ou negados no consumo de determinados programas.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Quadro 01: Consumo do telejornalismo sensacionalista nas famílias

Cidade	Família	Posição familiar	Diz consumir	Diz não gostar	Não declara
Salvador	G	Mãe (G2)	X		
		Filho (G3)	X		
		Nora (G4)	X		
	So	Pai (So1)	X		
		Mãe (So2)			X
		Filha (So3)		X	
Ipiaú	C	Pai (C1)	X		
		Mãe (C2)			X
		Filha (C3)		X	
	Sa	Pai (Sa1)	X		
		Mãe (Sa2)		X	
		Filha (Sa3)		X	

Fonte: Elaborado pela autora

Dos entrevistados residentes em Salvador, apenas So3 (filha da família Souza) declara não gostar desse tipo de telejornal, inclusive, trata esse telejornalismo sensacionalista como desapropriado aos evangélicos:

SDs14: Tem aquele sensacionalismo em alguns. Não vou, assim, citar. Eu, particularmente, não gosto muito, mas já tem gente que gosta, que eu conheço, que é evangélico e assiste. Gosta de assistir. Ela diz porque é mais realista, que outras emissoras tratam o jornal assim, ficam mascarando a verdade (So3).

So3 discorda de que não exibir imagens violentas seria mascarar a verdade, ou seja, critica a percepção da realidade imagética enquanto verdade. Apesar de So3 não listar os motivos pelos quais não gosta do gênero, a observação aponta que a rejeição ao telejornalismo sensacionalista está vinculada ao imaginário social do evangélico. A SD “é evangélico e assiste” indica uma tensão entre ser evangélico e consumir o tipo de produção que explora a miséria e a violência. Apesar de So3 fazer referência a alguém do gênero feminino, nas entrevistas, o público feminino é o que critica e diz rejeitar o consumo desse tipo de produção: os discursos trazem indícios da preferência dos patriarcas no consumo de telejornais sensacionalistas, mesmo quando algumas entrevistadas silenciam sobre a questão.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

No contexto da produção, o telejornalismo sensacionalista exacerba a disputa de mercado entre as emissoras, sobretudo, nos noticiários locais. A concorrência entre emissoras é reconhecida nas SDs abaixo no modo como C1 interpreta as imagens de violência:

SDs15: A Globo, ela tem mais respeito nas notícias do que os outros. A própria Record, que é hoje da rede que é do Bispo Edir Macedo, eles fazem um telejornal comercial, passa muita coisa feia, muita coisa ruim, passa muita porcaria. Não que não tem precisão, certo? A Band passa, a Band tem um trabalho bom com Datena e o filho de Datena também. O Jornal da Band também é um jornal muito respeitado. Mas a Globo, nesse tipo de reportagem de coisa ruim, eles, geralmente, se tiver coisa ruim, eles cortam, não mostram a imagem. Se matar um cara, eles nem sangue eles mostram. Eles procuram esconder o máximo possível das pessoas pra não trazer, por causa da mente humana das pessoas (C1).

A disputa mercadológica entre as emissoras é notificada pelo entrevistado ao fazer a leitura das imagens de violência nos telejornais. Há tentativa de criticar a exposição da violência, porém o dizer do entrevistado aponta um deslizamento de sentido na SD: “Não que não tem precisão, certo?” A duplicação do advérbio de negação na interrogação indica uma modalização deôntica. Nesse caso, sugerindo que há uma necessidade de exposição das imagens violentas no telejornalismo. Outro sentido em desvio diz respeito ao telejornal da Rede Band apresentado por Datena. Pois, segundo C1, esse programa é “um trabalho bom”, mesmo explorando imagens violentas, seguindo a gramática de produção sensacionalista.

Nesse sentido, dos dizeres de C1, a Rede Globo se apresenta mais respeitosa e/ou ética que as demais emissoras. Nessa leitura, o enunciador faz comparação entre Globo, Band e Record, sendo a última apontada como a que mais explora imagens violentas. Para o entrevistado, deveria ser diferente, pois a Rede Record pertence ao líder da Igreja Universal do Reino de Deus, Bispo Edir Macedo. Por ser produto de uma empresa liderada por uma figura evangélica, o telejornalismo poderia ter um fim menos comercial, conforme sugere C1. A lógica de mercado que impera na produção midiática parece conceder licença moral à Record para a produção desse tipo de programa.

O consumo do telejornalismo sensacionalista reflete, sobretudo, seu caráter mercadológico que se utiliza das tragédias diárias das periferias excluídas na sociedade



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

desigual: “Os fenômenos da sociedade são particularizados, individualizados. Com isso, a justiça passa a ser feita junto àquele que é identificado como o responsável pelo mal” (Matos, 2009, p. 90). Esse modo de responsabilizar indivíduos e encontrar culpados na própria população marginalizada promove um estado de manutenção das desigualdades, do qual também se alimentam as religiosidades que prestam serviço de recuperação e salvação individualizada.

Na esfera do telejornalismo, “alivia-se a sua dimensão social na medida em que ao mostrar tais questões, aproxima tragédias coletivas ou individuais de formas próprias do entretenimento” (Matos, 2009, p. 131). Nesse contexto, o consumo do telejornalismo sensacionalista, sobretudo, pelos homens assembleianos, que são portadores de voz legitimada institucionalmente, representa tensões com a moralidade cristã idealizada, ao mesmo tempo em que traduz o modo como a lógica midiática é acoplada no funcionamento do discurso pentecostal em afinidade com as formas contemporâneas de exclusão.

4. Considerações sobre o telejornalismo na legitimação da mensagem pentecostal

Até aqui tratamos sobre o acesso aos programas sensacionalistas pelos entrevistados. O quadro acima indica que 50% dos entrevistados consomem esses tipos de programas cujo tema mais explorado é a violência urbana. Dentre as 12 entrevistas, 8 citam ou comentam reportagens e temas relacionados ao assunto. Conforme destacamos, os dramas apresentados pelos telejornais são, em boa medida, transformados em mercadorias do discurso pentecostal. Aqui detalharemos o modo como essa transformação se opera nos dizeres:

SDs16: É morte que a gente vê. Morte. Jovens da periferia morrendo. Às vezes, até inocentes. O envolvimento com drogas, meninos novos. Violência! E aí, a gente vê que dá pena. Só Deus mesmo pra ter misericórdia! (...) são coisas que, às vezes, a gente entristece de vê aquilo ali. Notícias ruim. Jovens morrendo sem Jesus. (...) a violência só tá aumentando. Cada dia mais a violência cresce. Ele não diminui. Se Deus não estender a mão. Não fizer uma aliança com Deus. Aí, só vai continuar essas tragédias, essas coisas terríveis no jornal. (So2)



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Os dizeres de So2 sobre a violência urbana noticiada nos telejornais se iniciam topicalizando a morte como consequência extrema da violência. Os enunciados delimitam a questão no universo dos jovens da periferia, mas com expressões que indicam uma tensão, pois ao mesmo tempo em que aparecem como vítimas *morrendo*, são, sobretudo, apontados como os causadores da violência. A SD “às vezes, até inocentes” marca um grau hipotético: a preposição *até*, antecipada da locução adverbial *às vezes*, indica pouca possibilidade de inocência desses jovens no cenário da violência nas periferias. O envolvimento com drogas aparece como o aspecto asseverativo da produção de violência nesse cenário, como silenciando todos os outros fatores geradores do problema: má distribuição de renda do país, desemprego, baixa escolaridade, falta de políticas públicas etc.

De modo geral, nos dizeres, o problema da violência é significado como uma questão religiosa e não social. A SD “jovens morrendo sem Jesus” indica que o problema não diz respeito ao fato de jovens da periferia estarem morrendo pela violência, mas por morrerem *sem Jesus*, nesse caso, sem se converter ao Protestantismo. Ser protestante, sobretudo, pentecostal, de algum modo, poderia provocar uma mudança de vida desses jovens, pois igrejas, como as Assembleias de Deus, funcionam, em boa medida, como refúgio nas periferias. O fato dos jovens morrerem pela violência se apresenta, portanto, como consequência de não *aceitarem Jesus*, ou seja, de não pertencerem às igrejas. Entretanto, a violência continua crescente, apesar do grande número de igrejas pentecostais nos subúrbios das cidades.

Os enunciados sobre o aumento da violência são asseverativos. Diante dessa certeza, a entrevistada atribui à força divina a solução do problema, excluindo da sociedade a capacidade de intervenção e o papel de responsabilidade. Esses sentidos são delimitados pelos advérbios *só* e *mesmo* na SD: “só Deus mesmo para ter misericórdia”. Além de responsabilizar Deus pela solução do problema da violência, os dizeres condicionam a ação de Deus à espécie de acordo que precisa ser realizado entre os jovens e o divino, a partícula condicional instaura o sentido nas SDs16: “Se Deus não estender a mão. Não fizer uma aliança com Deus. Aí, só vai continuar essas tragédias, essas coisas terríveis no jornal”. Nesse sentido, a ação de Deus é também condicionada



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

à escolha dos jovens da periferia em mudar de atitude, capaz de se autodeterminar. Desse modo, o problema é particularizado, ou seja, os efeitos de sentido apontam a promoção que hipervaloriza a solução *divina* da violência como independentes das ações do Estado ou da sociedade como todo.

Os acontecimentos reportados pelos telejornais aparecem, algumas vezes, como espécie de parábolas, nas quais os acontecimentos se traduzem em argumentos para o ensinamento da moral religiosa. Por exemplo, nas SDs abaixo em que o entrevistado fala de uma reportagem a que assistiu sobre episódio ocorrido no rompimento da Barragem de Fundão em Minas Gerais, em 5 de novembro de 2015:

SDs17: O que chamou minha atenção também foi aquele desastre. Se não me falta a memória, o nome da cidade foi Santa Maria, parece. Que teve lá que a barragem desabou e matou várias pessoas (...) O que me chamou a atenção foi o despertamento daquela moça. E que, quando ela descobriu, ela pegou a moto e saiu anunciando. E salvou muita gente com o anúncio dela. E alguém fez uma pergunta pra ela, e disse: “se você tivesse dormindo nessa hora?” Ela disse: “morreria todo mundo”. Então, isso me chamou muito a atenção. Até o despertamento do povo, da volta de Cristo. Que nós devemos estar despertados, igual aquela moça. Anunciar o evangelho e dizer que está [sic] chegando os últimos dias. João escreveu dizendo filhinhos já é a última hora. E se fosse agora João escreveria dizendo filhinhos já é [sic] os últimos segundos. Então, eu acho que a gente precisa anunciar o evangelho. Porque, assim, como aquela barragem, ela levou muita vida e poderia levar muito mais, se aquela moça não tivesse despertado e saído anunciando, dizendo que a barragem tinha estourado. Então, traz pra os nossos dias, nossos pensamentos (Sa1).

O entrevistado inicia o dizer sobre a tragédia do rompimento da Barragem de Fundão afirmando que chamou sua atenção um determinado episódio em que uma moça conseguiu alertar e salvar várias pessoas antes de serem atingidas. Não fez referência aos impactos do desastre na esfera ambiental nem social. Inclusive, confundiu o nome da cidade Mariana com Santa Maria. Entretanto, diz lembrar as falas da reportagem sobre o episódio da moça com a moto alertando os moradores e formulou analogias com elementos narrativos. Na SD “nós devemos estar despertados, igual aquela moça”, o adjetivo *igual* traz pista da transformação do acontecimento jornalístico em parábola para reforçar o papel moral religioso do assembleiano em anunciar o evangelho e dizer que estão chegando os últimos dias.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

O entrevistado se reporta ao discurso bíblico com referência ao versículo da Primeira Carta de João, capítulo 2 e versículo 18: “Filhinhos, é já a última hora”. No entanto, busca atualizar o sentido, reforçando um valor temporal que indica maior proximidade da volta do Messias. Assim, a parábola criada a partir do episódio ilustra a missão do crente que precisa anunciar o evangelho, convencendo-o sobre sua responsabilidade nesse trabalho religioso. As parábolas são bastante comuns no discurso religioso que se pauta na Bíblia, pois foi um recurso muito usado na pregação de Jesus Cristo. O recurso se constitui na atribuição de valor simbólico a cada elemento da narrativa: a personagem na moto evitando a morte das pessoas diante de uma tragédia foi, desse modo, comparada ao evangelizador dos últimos dias. Essa estratégia de se apropriar do noticiário como espelho de uma realidade escatológica aparece na leitura dos diversos fatos e acontecimentos:

SDs18: A gente tem que tá por dentro que é coisas [sic] que já diz respeito aos sinais dos tempos, da volta de Jesus, os acontecimentos das últimas coisas (C1).

SDs19: Os sinais da bíblia se cumprindo e tal, a gente precisa ver, se não for o jornal pra informar a gente, a gente vai vê como? (...) porque qualquer hora a gente sabe que tudo vai acontecer, a gente não sabe quando, nem como, nem quando vai começar e tudo. Eu acho que é importante (G4).

O atentado em Bruxelas, na Bélgica, foi reportado por dois entrevistados da família Costa. O acontecimento foi em 22 de março de 2016, na mesma semana em que entrevistamos essa família. O Estado Islâmico assumiu a autoria dos ataques que resultaram em 34 pessoas mortas e 136 feridas. O tema, segundo C1, foi assunto nos cultos da igreja onde frequenta:

SDs20: Às vezes, na Escola Bíblica, ou até mesmo nos cultos, se toca em alguma coisa que passa no jornal. Agora mesmo, teve o atentado na Bélgica. O pessoal falou: ‘olha, vocês tão vendo meus irmãos, as coisas estão acontecendo. Os fins dos tempos tá [sic] aí, a guerra acontecendo, nação contra a nação, reino contra reino’. Aí, o pessoal. Aí toca. Isso passou no Jornal Hoje. Na Escola Bíblica, o pessoal também, comenta também (C1).

Os dizeres de C1 exemplificam o modo como os conteúdos do telejornalismo circulam nos espaços de ensinamento, sendo reportados na Escola Bíblica cujo público



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

é, sobretudo, interno, “ou até mesmo nos cultos” abertos a toda comunidade interna e externa. C2 mencionou a mesma reportagem sobre os atentados terroristas ocorridos na Bélgica. Entretanto, destacou a solidariedade das pessoas no socorro às vítimas como uma quebra de sua expectativa na leitura da reportagem. Nenhum dos dois entrevistados tratou do Islamismo como ameaça direta. O assunto resumiu-se à questão dos atentados enquanto sinal apocalíptico: “como esta ameaça está bem distante da realidade brasileira – não se configura um inimigo perigoso nestas terras” (Cunha, 2017, p. 119). A surpresa da entrevistada quanto à reação das pessoas é um efeito de sentido dos discursos assembleianos sobre pessoas não evangélicas como incapazes de compaixão, solidariedade ou sentimentos do tipo.

SDs21: O que me chamou a atenção mesmo, por incrível que pareça, foi quando eu vi a reportagem do atentado que teve: é a voluntariedade do povo (...) mostrando o povo sendo solidário, do outro lado, claro. Na própria reportagem, a jornalista falando, uma brasileira que tava no vagão do trem. E ela sentiu ali, quase que na pele, o sofrimento do povo. Mas ela falou que viu o povo depois se ajudando, abrindo suas casas. Que num caos desses, têm pessoas de coração bom voltado pra ajudar. Mas, no outro lado, via a crueldade do homem se autodestruindo para destruir outras pessoas. Então, essas coisas assim, mas me marcou, assim, a voluntariedade (C2).

A existência de solidariedade diante de uma tragédia chamou à atenção porque, em geral, postulam-se entre os pentecostais a imagem de que há uma maldade natural na humanidade que se manifestará sempre. Para o cristão, em geral, o homem já nasce mal, por conta do *pecado original*, por isso precisa, de todo modo, se reconciliar com Deus. Nessa perspectiva, acreditam que ao se tornar evangélico a pessoa se torne um ser melhor, um ser transformado, com um caráter elevado e com sentimentos mais sublimes. Logo, os indivíduos não convertidos seriam incapazes de atitudes de solidariedade e amor ao próximo. Na SD “mostrando o povo sendo solidário, do outro lado, claro”, a expressão *outro lado* diz respeito às pessoas, em geral, manifestando solidariedade independentemente de serem ou não cristãs. Apesar de considerar a crueldade do homem, a entrevistada diz que foi surpreendida pelas reações das pessoas voluntariamente ajudando umas às outras:



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

SDs22: Eu comentei. Eu, particularmente, até comentei com a irmã. Eu comentei que a gente vê quantas pessoas morreram inocentes, até gente evangélica. Mas o homem tá maquinando o mal, ele quer se autodestruir destruindo as pessoas. E ainda assim, têm pessoas que se voluntariam a fazer o bem em meio a um caos daquele. O que me chamou a atenção foi vendo a voluntariedade daquele pessoal ali, se ajudando (C2).

Os dizeres de C1 e C2 indicam que os efeitos de sentidos que circularam na igreja quanto aos atentados terroristas reforçaram a imagem da maldade do homem, de como isso indica os sinais do cumprimento de profecias bíblicas que apontam a proximidade da volta do Messias. Entretanto, em particular, C2 comentou às irmãs uma imagem de ruptura a esses sentidos: a voluntariedade das pessoas, a existência de pessoas boas independentemente de serem evangélicas. Apesar dessa observação de C2, o sentido de que o evangélico é um ser melhor aparece, inclusive, quando qualifica de inocentes as vítimas dos atentados, dentre as quais “até gente evangélica”. Essa SD acentua no uso da preposição *até* o valor de juízo positivo sobre o evangélico, como se essa identidade colocasse o indivíduo num grau de isenção ou *livramento* numa situação de tragédia.

Os dizeres de que o indivíduo se torna um ser humano melhor ao converter-se preservam a valorização da moral religiosa pentecostal. Logo, subentende-se que os não-evangélicos não possuem a capacidade de demonstrar ato sublime. Desse modo, os dizeres do telejornalismo no que se referem a temáticas sobre acontecimentos trágicos, em boa medida, são apropriados para a reafirmação da moral religiosa.

No reconhecimento das tragédias reportadas uma das operações de interpenetração do discurso telejornalístico é a construção de parábolas na evangelização a partir das notícias de violência urbana e tragédias, como o atentado terrorista da Bélgica (2016) e o desastre da Barragem de Fundão (2015). Essa e outras operações acoplam o discurso dos telejornais à mercadológica do discurso pentecostal, pois produzem sentido na oferta e no consumo do serviço religioso, além de reforçar a moralidade do “servo” que se torna mão de obra voluntária em prol da religião. Esse acoplamento se alinha à ideologia do neoliberalismo, na medida em que minimiza a participação do Estado na esfera de problemas sociais. As causas e consequências são particularizadas, produzindo estado de conformidade com a realidade de exclusão



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

social, de produção e manutenção das violências, sobretudo, nas periferias, entre as populações mais marginalizadas, onde as Assembleias de Deus concentram maior poder de ação.

Nesse contexto, esses tipos de programas e de reportagens são mercadorias, que apropriadas na oferta do serviço religioso, se assumem enquanto estratégias discursivas para a legitimidade da promessa de transformação individual de pessoas dispostas a adotar esse modo de vida religioso. Os efeitos de sentido dessa apropriação é que quanto mais trágica a realidade maior a possibilidade de convencimento da importância de conversão. Sendo assim, há um estado de conformismo diante da violência urbana, limitando no indivíduo a responsabilidade, pois sendo particularmente culpado torna-se mais propício à conversão. Além disso, as notícias de tragédias ambientais e atentados terroristas são ressignificadas para convencer também o crente a se tornar evangelizador, quer dizer, ativista da causa religiosa, reproduzindo e consumindo livremente uma rede de discursos alinhados com as formas de produção e manutenção das violências, sobretudo, nas periferias.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. 1998. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 183 p.

CUNHA, Magali do Nascimento. 2017. *Do Púlpito às Mídias Sociais: Evangélicos na política e ativismo digital*. Curitiba: Prismas. 246 p.

JOST, François. 2007. *Compreender a Televisão*. Tradução Elizabeth Duarte, M^a Lília Castro e Vanessa Curvello. Porto Alegre: Sulina. 168 p.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. 2012. *Pesquisa em Comunicação*. 11^a ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. 176 p.

MATOS, Rita de Cássia Aragão. 2009. *O paroxismo do sonho: um estudo sobre a exclusão social no Jornal Nacional*. Salvador: EDUFBA. 240 p.